

Imagens e Símbolos de uma América Latina Cooperativa



Fernando Mamari – Rio de Janeiro, Brasil

“Onde estamos?
E isso realmente importa?
Este filme não quer te explicar nada, nem contar sobre algum evento ocorrido ou personagem.
Este filme é um mosaico de imagens,
Um quebra-cabeça.
Mas espero que ao seu final,
Essas peças soltas e fragmentadas possam também formar uma imagem
E você sinta como eu sinto,
Que algo está mudando no mundo novo”

Apesar de ocorrer há quase 15 minutos do início do filme, a narrativa acima, de alguma maneira, inaugura o filme, é o único momento em que fala abertamente ao espectador sobre seu propósito e condição estética. Assume a não-descrição dos fatos, opta pelo mosaico, pelo fragmento, pelo sentimento em detrimento do conhecimento. No começo, a primeira narrativa, por meio de um discurso lúdico, faz alusão a uma noite, à noite das ditaduras. A noite escura e fria, que aponta para uma dúvida sobre sua superação, mas que também permite a possibilidade de sonho, de mudança, de alvorada.

“Você se lembra daquela noite?
Tão escura e fria.
Eu me lembro,
Não a vivi, mas carrego seu medo.
Alguns dizem que a cegueira da noite escura deu lugar a um dia tão claro que não nos deixa ver.
Outros afirmam que ainda é noite e muito temos que temer.
Eu prefiro acreditar na alvorada.
E sonhar com a esperança de um novo dia.”

O filme nasce da resistência. As imagens, que se tornam símbolos nessa América, são frutos das lutas contra as ditaduras da segunda metade do séc. XX e de outras barbáries anteriores. Assim segue a explicação de Eduardo Galeano sobre a fundação desta região do continente americano. A divisão internacional do trabalho, a especialização dos países em ricos ou pobres, os dentes na garganta, o livre comércio, nossa comarca no mundo, a América Latina. Ao passo da narrativa, Potosi, a ex-montanha de prata, hoje formigueiro humano, cemitério de índio vivo. No período colonial, Potosi esteve entre as três maiores cidades exportadoras de minerais preciosos das Américas para Europa. Dela surgiu a expressão de que se poderia construir uma ponte da América à Europa com o metal saído de suas entranhas.

A câmera entra na mina, anda pelos caminhos feitos pelos mineiros, seguindo um boliviano, membro de uma organização política da cidade, que demonstra os perigos deste ofício e chega até o verdadeiro dono da mina; El Tio.

A cena é cortada. Uma menina canta sobre sua comunidade, uma senhora se afirma piqueteira, o filme denuncia seu princípio norteador. A câmera é próxima, às vezes em close. Não acompanha o cotidiano dos personagens, vive seus cotidianos, participa de seus sentimentos, treme, sai de foco, sorri e sente medo. O filme recomeça e voltamos à narrativa sobre o mosaico de imagens.

A partir deste momento o filme se divide em três grandes capítulos, muito embora isso não seja explicitado em nenhum momento. O primeiro capítulo trata da resistência, a luta direta, corporal, de sangue e carne. Manifestações, repressões, o contraste entre o lixo e o consumo, as dificuldades de qualquer empreendimento coletivo em um mundo individualista e desigual. Um cazuza latino americano. Tudo que se pratica quando se atinge o último recurso. Uma alusão à noite fria e escura, às ditaduras de ontem que continuam a se fazer presentes no hoje.

“Todas essas luzes,
Todo o consumo.
Para que?
Para quem?
Aonde isso nos levou?
Estamos vivendo melhor?”

A carne
O sangue
O corpo
A resistência
O último recurso
O momento em que se agarra o mundo com as próprias mãos e disse:
Não.”

Chegamos ao segundo capítulo: a produção. Durante todo o filme os cortes entre as cenas são feitos de maneira direta, sendo um personagem sucedido pelos outros, ou por meio de paisagens geralmente vistas de dentro de um meio de locomoção, apresentando imagens em movimento. Não existem grandes acontecimentos, não existem muitas ações, mas o filme é fundado em um movimento ininterrupto. Nenhum personagem aparece mais de uma vez, contudo é como se cada um preparasse a chegada do próximo, como se nenhum personagem desaparecesse do filme, estando sempre presente na fala do outro. Sem uma ligação aparente, mas separados por quilômetros de distância, os personagens constroem o movimento da imagem ou realizam em seu conjunto uma imagem-movimento.

A opção por não menção sobre o nome dos personagens, seus lugares de ação ou explicações sobre suas organizações provoca uma suspensão destes de seus tempos-espacos específicos, fazendo com que eles existam fora de suas histórias, fora de suas narrativas locais para a construção de um conjunto de sinapses. Assim, o movimento é elevado a sua máxima potência, consolidando uma montagem reconhecida através da imagem-tempo. Fragmentação de uma narrativa linear, supressão das informações que constituem a ação. A imagem é o único elemento potente. Cada imagem, o conjunto das imagens, um mosaico, apenas movimento e tempo.

“Às vezes duas pernas me parecem pouco.
Preferia ter as asas do condor e voar alto.
Tantas pessoas, tantos lugares, tantos grupos.
Será que se conhecem?
Ou são expressões dispersas de um mesmo movimento.
Qual o tamanho da onda?
Qual a força de seu impacto?
Quantas sementes ficaram no canto do jardim?”

Fábricas, plantações, manifestações artísticas, a produção dos povos para além da resistência. A liberdade para criar de uma população quando supera ou vence a luta imediata pela vida, terra ou trabalho. O começo de uma construção simbólica gerada a partir de uma forma nova de vida e relação social. Bioconstrução, agricultura orgânica, autogestão, cooperação produtiva, bandeiras, imagens e símbolos da América dos movimentos sociais. “Da terra se volta a ouvir o campesino gritando. A terra deve ser de quem a está trabalhando.” “Para o povo, o que é do povo. Porque o povo assim o ganhou”.

“Aymaras, Quéchuas, Mapuche, Tupi, Guarani, Jes, Pajés, Candobe, Quilombo, Mucambo, Capuera, Pachamama.
Todos os tambores batem no meu coração.
Todos os instrumentos de sopro movem a minha alma.
Valeu a pena.
Temos novas árvores.
Existem novos frutos.

Somos filhos dos que lutaram,
E guerreiros também somos.”

O terceiro capítulo demonstra o processo educacional gerado a partir da construção desse modelo de relações sociais. As formas de cooperação produtiva são ensinadas nas escolas e preparam as futuras e presentes gerações. A palavra cooperação e o hábito de participação em ações coletivas passam, desde cedo, a fazer parte do imaginário de possibilidades das crianças. Signos são apresentados e símbolos transmitidos. O filme termina com as crianças.

“Não se sabe até onde uma imagem pode nos conduzir.
Quando um signo se transforma em símbolo,
E uma idéia passa a ser uma possibilidade.
Quando as crianças já não são o futuro,
Mas o presente.”

Entre meados dos anos cinqüenta e setenta, surge no Brasil, e reverbera pela América Latina, um movimento cinematográfico conhecido como Cinema Novo. Um de seus maiores protagonistas, Glauber Rocha, afirmava que esta maneira de se realizar o cinema buscava a criação de uma determinada estética, a estética da fome. Tal estética visava representar e denunciar através das imagens do cinema a situação de pobreza e opressão vivida pelos povos da América Latina. Não são apenas os conteúdos dos filmes tratando sobre temas sociais. Sobretudo a imagem, em si mesma, contém a força da denúncia, numa estética que surge a partir da inserção da imagem na denúncia.

Este filme sofreu uma grande influência desta maneira de se fazer cinema, e também busca a criação de uma estética. Contudo, esta já não é mais a da fome, do lixo ou das denúncias, mas a estética da cooperação. Uma tentativa de expressar em imagens a estética que emerge a partir de relações solidárias e capazes de reconstruir uma utopia.



„Imagens e Símbolos“
Fernando Mamari
documentário
América Latina 2009/10
45min
legendas em inglês

O filme pode-se comprar através do site
www.orangotango.info